

Uma construção tardia: reflexões sobre a fronteira setentrional brasileira

NORONHA, Andrius; CHAVES, Daniel; PORTO, Jadson L. R. (Orgs.). **A fronteira setentrional brasileira: das histórias pós-coloniais à formação de uma fronteira tardia**. Macapá; Rio de Janeiro: Ed. Edunifap; Autografia Editora, 2015.

Luis Claudio Krajewski

Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (Uffs/Campus Laranjeiras do Sul)

A obra *A fronteira setentrional brasileira: das histórias pós-coloniais à formação de uma fronteira tardia* é resultado de um conjunto de estudos a respeito das relações (in) existentes em parte da fronteira norte brasileira. Este trabalho é construído na perspectiva de que a integração atualmente existente entre as áreas limítrofes desta região é extemporânea. Dado o pouco conhecimento a respeito do tema e diante de um bom número de estudos sobre a fronteira setentrional brasileira, os organizadores apresentam um primeiro volume, com a expectativa de que outros volumes serão publicados. O livro em questão apresenta características cruciais àqueles estudiosos das fronteiras brasileiras, ainda mais em se tratando da fronteira setentrional. Afinal, é provável que esta fronteira brasileira seja a menos conhecida por sua população.

Impresso em 2015, o livro é composto por oito textos, além de prefácio e breve introdução. Os autores do livro são: Alexandre Guilherme da Cruz Alves Junior, Andrius Estevam Noronha, Daniel Chaves, Edson Machado de Brito, Eliane Superti, Gutemberg V. Silva, Iuri Cavlak, Jadson Luís Rebelo Porto, Pedro Afonso Cristóvão dos Santos e Stéphane Granger (responsável pelo prefácio). Os escritores são, em sua maioria, professores da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), sendo que alguns são docentes do Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Desenvolvimento Regional daquela Universidade. De forma que o envolvimento dos pesquisadores da UNIFAP em questão tão relevante aponta um alto nível de comprometimento nos estudos acerca da questão regional. Considerando as dificuldades enfrentadas por um território distante dos principais centros do país, pensar e investigar as especificidades regionais torna-se um elemento crucial na promoção de seu desenvolvimento.

O primeiro texto – de título “A linde Amapá-Guiana Francesa: a formação de uma fronteira tardia” – é de um dos organizadores da obra, Jadson Luis Rebelo Porto. O autor busca analisar a reorganização territorial do Amapá e, em especial, a relação limítrofe entre Amapá e Guiana Francesa. O texto parte de quatro abordagens iniciais: formação histórica e delimitação da fronteira franco-brasileira; políticas públicas e o uso do território amapaense; a inserção da fronteira amapaense e a fronteira global e, por fim, a condição de fronteira do Amapá enquanto constituição de uma fronteira tardia. Após breve análise, Porto propõe a hipótese de uma fronteira tardia, justificando esta concepção ao descrever vários aspectos sociais, econômicos, político-administrativos e culturais. Entretanto, Porto salienta que o fato de esta questão ser tardia não significa que seja ultrapassada.

As considerações do autor explicitam sua preocupação frente à questão fronteiriça do norte do país, mais precisamente como o território amapaense se relaciona (ou não) com a Guiana Francesa, além do impacto da baixa articulação existente. O autor evidencia, através de diversos argumentos, o malefício do atraso na resolução da questão fronteiriça. Embora outros aspectos pudessem ser elencados, não restará dúvida ao leitor dos efeitos prejudiciais ao território do Amapá decorrentes do atraso que envolve a fronteira setentrional brasileira. Dentre as justificativas da proposta que apresenta, Porto destaca o aspecto econômico, ainda que não o faça intencionalmente. As perdas econômicas, tanto regionais quanto internacionais, implicam em outras consequências que afetam o território, desestimulando o desenvolvimento da região como um todo, indício notadamente exposto neste estudo.

O capítulo seguinte é de autoria de Gutemberg V. Silva e Eliane Superti, intitulado “Fronteira Internacional do Amapá: processos de interação e estratégias de defesa e segurança”. O objetivo do estudo é analisar a fronteira internacional da Amazônia Setentrional com a Guiana Francesa, com ênfase nas ações governamentais adotadas no espaço fronteiriço. Os autores partem da hipótese de que a cidade fronteiriça sofre impacto direto perante o processo de integração regional, além de outras questões relacionadas à questão de fronteira (defesa e segurança). Silva e Superti atingem o objetivo do estudo quando descrevem a situação enfrentada pelos atores locais. Apesar de destacar alguns investimentos que estão sendo realizados na região, as quais atenuam em parte os efeitos de sua vulnerabilidade econômica, as condições socioeconômicas e de infraestrutura ainda deixam a desejar.

A análise proposta pelos autores é certa na medida em que consegue explicitar a devida prioridade que a região merece, decorrente de seu caráter fronteiriço. Além disso, apesar da prioridade e dos investimentos realizados (o texto apresenta dados sólidos a respeito), outros aspectos são desconsiderados ou possuem pouca importância. Neste sentido, a baixa densidade populacional é um dos exemplos que podem ser elencados. Gutemberg e Superti abordam ainda a dificuldade

enfrentada pelos atores locais. Esta contextualização é determinante para compreender que os investimentos efetuados, ainda que amenizem e indiquem uma maior dinâmica econômica, proporcionam condições ainda distantes dos anseios da população amapaense. O texto, bem construído e com informações precisas e selecionadas, permite identificar parte da situação vivida nesta fronteira.

O próximo capítulo é denominado “Chamados, questões e dilemas para História pós-coloniais e transnacionais das Guianas”, escrito pelo professor e pesquisador Daniel Chaves. O texto trata dos desafios relacionados ao estudo do Platô das Guianas, tendo como pano de fundo as possíveis contribuições destes povos, principalmente, devido à ruptura colonial relativamente recente. Chaves busca despertar interesses em alguns temas, em especial, fronteira, identidade e nação. Para isso, inicia a discussão contextualizando o Platô das Guianas com o período do pós-guerra e o fim do imperialismo europeu, denominado de pós-imperialismo. Nesta perspectiva, o autor considera necessário um resgate histórico, destacando algumas relações consideradas mais relevantes. Outra preocupação que Chaves explora no texto é com aspectos metodológicos para os estudos vindouros.

Os pontos considerados pelo autor recebem a devida importância diante das diversas preocupações acerca do estudo do Platô das Guianas. É nítida a inquietação de Chaves para que os estudos que venham a ser desenvolvidos não estejam baseados em preconceitos sobre os aspectos que propõe (fronteira, nação e identidade). Apesar de ressaltar que há um relativo atraso nos estudos sobre as Guianas, o autor não só aponta tópicos que devem ser explorados, como também pontua aspectos que não podem ser relevados. O cuidado para que equívocos não sejam cometidos, em estudos sobre regiões menos desenvolvidas, demonstra as inquietações e comprometimento do pesquisador.

O capítulo quarto é chamado “Fragmentos da História do Norte da América do Sul: Brasil, Guianas e Suriname”, escrito por Iuri Cavlak. O texto busca resgatar alguns pontos históricos das Guianas e do Amapá, porque, para o autor, há poucos estudos sobre o extremo norte brasileiro. No escrito, Cavlak discute algumas justificativas para esta situação. Ele inicia tratando de algumas características das Histórias Comparada e Conectada, para chegar à abordagem da História Transnacional, destacando sua perspectiva inicial. Assim, o autor realiza um resgate histórico na concepção da História Transnacional com foco na região em debate. Os acontecimentos destacados ao longo do tempo, com destaque para o século XX, proporcionam uma visão explícita e abrangente sobre os principais fatos históricos ocorridos na região.

Cavlak é bem-sucedido no resgate que realiza. A capacidade de síntese, aliada à inteligência na seleção dos fatos por ele descritos, proporciona ao leitor uma ideia do que aconteceu com o norte da América do Sul. Os principais aspectos que o autor destaca são elementos de cunho político e econômico, facilitando a compreensão do que ocorreu na região. Apesar dos óbices para a realização do

estudo, devidamente destacados no texto, é assombroso o cenário desenhado pelo autor nos acontecimentos relatados. Não obstante, a leitura do texto permite despertar nos estudiosos do tema, curiosidades e anseios para novas pesquisas, abrindo, em consequência, novas possibilidades de estudos sobre um tema inegavelmente promissor.

O estudo seguinte é resultado da pesquisa de Pedro Afonso Cristovão dos Santos, designado de “*As questões de limites no Brasil do século XIX: diplomacia e erudição histórica a partir da contribuição de Joaquim Caetano da Silva (1810-1873) ao debate da fronteira com a Guiana Francesa*”. Santos busca retratar a relação do saber entre a história e a geografia com os trabalhos diplomáticos, mais precisamente no caso que envolveu a discussão acerca dos limites da fronteira brasileira. Neste sentido, aborda a participação de Joaquim Caetano da Silva no episódio que considera o rio Oiapoque peça central para a resolução da questão de fronteira. Com uma notável riqueza de detalhes, Santos descreve os fatos pertinentes ao papel do rio Oiapoque e os principais questionamentos à época. Por conseguinte, descreve a importância que Joaquim Caetano teve para a resolução do problema, ainda que esta relevância tenha sido ofuscada, em parte, pela atuação do Barão de Rio Branco.

O autor consegue, com rara capacidade, descrever não só a questão relacionada à fronteira (e o papel do Rio Oiapoque) como também à relevância do brasileiro Joaquim Caetano da Silva no caso. Se não bastasse isso, Santos apresenta a capacidade erudita e os principais métodos que Joaquim Caetano utilizava para construir seus pontos de vista, os quais eram dotados de grande capacidade argumentativa. Esta relação entre erudição e diplomacia brasileira é exibida como um fator provavelmente determinante ao longo da história, ainda que nem sempre tenha prevalecido tal elo – haja vista que inúmeras contendas não foram solucionadas desta forma, mas através de conflitos armados e outros meios nada cordiais. Esta respeitável passagem histórica, registrada no conflito que envolve a disputa pelo rio Oiapoque e a atuação de Joaquim Caetano, recebeu a devida atenção no texto de Santos.

O sexto capítulo tem o título “A questão do Amapá nas Páginas do *New York Times*: Uma história transnacional das Américas”, escrito por Alexandre Guilherme da Cruz Alves Junior. O propósito do trabalho é verificar o uso da história transnacional no estudo dos conflitos a respeito das fronteiras latino-americanas, em especial, entre Brasil e Guiana Francesa. A pesquisa inicia com uma breve, mas consistente revisão sobre o conceito de História Transnacional, contextualizando seu surgimento e explorando algumas interpretações a respeito do tema. Posteriormente, o autor apresenta o território em disputa, no caso, o território amapaense; em seguida, faz uma síntese a respeito das principais matérias sobre “A questão do Amapá” nas páginas do jornal norte-americano *New York Times*. Por fim, o autor faz algumas considerações sobre o resultado da pesquisa e temas para novas investigações.

Alves Junior busca aliar o estudo das questões fronteiriças sob a perspectiva da História Transnacional. Para explicar sua proposta de trabalho, o autor discute a questão do Amapá com base em pesquisa junto ao jornal *New York Times*. Ainda que o campo da pesquisa não tenha sido amplo, o trabalho representa um importante ponto de partida para outros de mesmo enfoque. O próprio autor admite o surgimento de novas questões e perguntas após a conclusão da pesquisa. Entretanto, diante da nova abordagem sobre o estudo da história, no caso, a História Transnacional, investigações como esta são cruciais para o avanço do conhecimento. Desta forma, o autor cumpre com seus objetivos iniciais, despertando o interesse por novos estudos sobre o tema.

O penúltimo capítulo é de autoria do professor Andrius Estevam Noronha, intitulado “Como estudar elites locais em regiões de fronteira? O caso de Macapá (Território Federal do Amapá, 1943-1988)”. Noronha elege como objetivo do seu trabalho a análise das possibilidades teóricas e metodológicas e do uso possível de fontes para pesquisa sobre as elites locais, especificamente, das do Macapá no período entre 1943-1988. Dividido em três seções (a saber: abordagens teóricas norte-americanas sobre estudos das elites, metodologia baseada na prosopografia e fontes potenciais para o estudo vindouro), Noronha fornece uma boa ideia a respeito da pesquisa que ora inicia.

A preocupação com a metodologia a ser definida para o estudo das elites locais indica o grau de comprometimento e capacidade acadêmica do autor. Noronha apresenta alguns exemplos, tanto metodológicos quanto a respeito das fontes, que reforçam esta percepção de um pesquisador preocupado em adotar caminhos que o levem a resultados condizentes com a realidade macapaense. O autor ressalta que a pesquisa proposta está em sua fase inicial. Contudo, ao longo do texto se observa que a trajetória a ser percorrida não será estranha aos conhecimentos do pesquisador. Resta saber se as fontes apontadas como prováveis serão suficientes para que o autor possa prosseguir com sua pesquisa a contento.

No encerramento deste volume tem-se o capítulo denominado “Clevelândia do Norte: uma estratégia de eliminação da dissidência política no Brasil”, de Edson Machado de Brito. O propósito do texto é debater a criação e instalação do presídio de Clevelândia do Norte, situado no município de Oiapoque, diante da oposição ao governo da época. O autor resgata o motivo da criação da Vila de Clevelândia do Norte e como surgiu o presídio, seu tempo de duração e as consequências para o povo que habitava o local. Para tanto, Brito contextualiza o cenário político brasileiro nos primeiros anos do século XX. Sua pesquisa foi baseada em diferentes veículos de imprensa, os quais representavam grupos políticos distintos. O texto explora o que significava ser enviado ao presídio, o perfil dos presidiários e algumas situações enfrentadas pelos residentes daquela prisão.

Brito cumpre com o que propôs, mas não só isso. Seu trabalho permite dimensionar o momento político vivido nos anos 1920, período talvez não tão conhecido pela maioria dos brasileiros. A capacidade de realizar uma análise político-social – aliada à habilidade em distinguir e descrever determinados fatos referentes ao presídio – permite uma leitura muito rica sobre o tema. As circunstâncias da época e a forma de atuar do governo diante da oposição representam situações que deveriam ser mais estudadas, sobretudo, em face de ideias retrógradas que recentemente voltaram a circular. Essas ideias, que ganharam popularidade durante a crise política dos últimos anos, são antagônicas ao espírito democrático, que sempre deveria prevalecer.

Assim, os oito textos que compõem esta interessante coletânea possibilitam ampliar os conhecimentos sobre uma região estratégica para o país. Não só no que diz respeito à área de fronteira em si, mas também (e, principalmente) pelo caráter das relações humanas e da realidade socioeconômica dessa região. Independente do objeto de cada pesquisa, as percepções das peculiaridades existentes em parte do território norte da América do Sul configuram uma análise rica e abrangente. Assim, pesquisadores interessados em questões relacionadas aos territórios de fronteira dispõem agora de uma coletânea que facilitará a compreensão sobre o tema, ainda mais aqueles que estudam a fronteira setentrional brasileira.

Endereço para correspondência:

Luis Claudio Krajewski – luisclaudio@uffs.edu.br
Rua Frei Estanislau Schaette, 59 – apartamento 604 – Bairro Água Verde
89.037-001 Blumenau/SC, Brasil